



Caderno 1

Conteúdo:

- O Mito do Veganismo. Por ~~Revolução~~ Feral
- Eu e Depois Eu. Por Algum individualista (IAPQDC)
- Lições deixadas pelos antigos: a batalha do “Pequeno Grande Chifre”. Por Revista Regresión.

Frente: ABC Color

Primavera 2016

Pindorama

O Mito do Veganismo

“O veganismo é uma filosofia de vida que exclui todas as formas de exploração e crueldade para com o reino animal e inclui uma reverência pela vida. Na prática se aplica seguindo uma dieta vegetariana pura e incentiva o uso de alternativas para todas as matérias derivadas parcial ou completamente de animais”.

– Donold Watson, membro fundador da Vegan Society (Sociedade Vegana).

Este pequeno texto não questionará a irracionalidade das ideias e valores (2) da filosofia vegana. Nesta ocasião demonstraremos que o veganismo é um mito na Sociedade Tecno-industrial e como é um obstáculo para entender e atuar pela verdadeira Libertação Animal (3).

O veganismo é um mito. Nada nem ninguém é vegano dentro da moderna Sociedade Tecno-industrial. No entanto, são muitos os ingênuos que acreditam neste mito e que creem que seus alimentos, vestimenta, calçado, produtos de higiene e beleza, aparatos tecnológicos, livros, música, bikes... e todo o lixo industrial que consomem compulsivamente é, segundo eles, “vegano”.

Mas na realidade é bem diferente disso. Todo esse resíduo industrial denominado “vegano” não poderá conter materiais de animais não-humanos, ok, mas, na verdade, contém... ou melhor dizendo, de fato colaboram com a exploração animal, humana e não humana.

Então se retomarmos nossa definição anterior de veganismo, “... uma filosofia de vida que exclui toda forma de exploração e crueldade para com o reino animal...”, é evidente que não é coerente com a filosofia porque contribui com a exploração sistemática do reino animal, logo, o veganismo é um mito.

Os autodenominados “veganos” são muito ingênuos ao não analisar, questionar e entender o funcionamento da complexa realidade e do grande complexo sistema social em que vivemos.

Todo alimento ou produto que provenha da moderna Sociedade Tecno-industrial não está livre de colaborar com a exploração e domesticação sistemática do reino animal e ambiental.

As sementes, frutas e verduras que produz e distribui a moderna Sociedade Tecno-industrial não são veganas já que a moderna agricultura industrial necessita de:

a) desmatar grandes extensões de terra fértil para aproveitar a fertilidade deste solo e convertê-lo em um campo de cultivo. Desmatar significa; destruir o ecossistema que ocupava este solo. Deve-se cortar ou incendiar a vegetação deste ecossistema e em seguida é necessário assassinar, capturar, domesticar, deslocar ou até extinguir as diferentes espécies de animais deste ecossistema. Isso aniquila todas as complexas relações e interações que mantinha esse ecossistema consigo mesmo (ecossistema e habitantes) e a relação que esse ecossistema mantinha com outros ecossistemas e com o planeta em geral.

b) já que se tem o campo de cultivo pronto, se necessita de camponeses que trabalharão a terra, há a necessidade de suas ferramentas (máquinas ou animais não-humanos de trabalho), se necessitam as sementes (nativas ou transgênicas) que serão semeadas, se necessita o fertilizante (natural ou industrial), se necessitam inseticidas (naturais ou industriais), se necessita a água para irrigação, etc...

E uma vez obtida a colheita ela é vendida a intermediários, eles a transportarão, armazenarão e distribuirão, até que finalmente esta semente, fruta ou verdura chegará ao estabelecimento comercial onde os “veganos” farão suas compras.

Então para poder realizar todo este processo é necessário utilizar a grande e complexa divisão do trabalho da moderna Sociedade Tecnológica, e em todas estas grandes complexas relações existe exploração e domesticação sistemática do reino animal e ambiental.

Alguns “veganos” poderão argumentar em sua defesa que as sementes, frutas e verduras que consomem não são de origem industrial, mas de hortas orgânicas, ok, mas se esta horta utiliza tecnologia moderna para a produção, armazenamento e distribuição de seus alimentos e se para poder adquiri-los há circulação de

dinheiro, inevitavelmente continua colaborando com as dinâmicas de exploração e domesticação sistemática, animal e ecológica.

Talvez, as sementes, frutas e verduras realmente veganas são as que colheriam cada indivíduo com técnicas como; a permacultura ou jardinagem orgânica, e com o uso de ferramentas ou tecnologia simples, já que apenas assim deixaria de depender do Sistema Tecno-industrial e haveria uma renúncia a seus mecanismo de poder, controle, domesticação e exploração sistemáticos, mas a maioria dos autodenominados “veganos” não plantam seu próprio alimento.

Os autodenominados “veganos” dependem da moderna Sociedade Tecno-industrial para poder levar a cabo sua dieta. Na Natureza Selvagem nenhum animal determina de que maneira se alimentará, isso em grande parte quem determina é o entorno natural no qual se desenvolve. A dieta onívora dos animais humanos não foi uma escolha, mas uma necessidade de sobrevivência, um requisito para poder sobreviver em distintos entornos, comer o que houver, o que se possar comer. O organismo humano não é especialista, é oportunista, e sua dieta onívora é uma prova disso.

O animal humano domesticado em sua jaula civilizada é quem é capaz de decidir como se alimentar (dieta vegetariana, vegana, frugívora ou carnívora), mas para que isso seja possível é necessário colaborar e manter sua condição de animal humano domesticado a serviço do progresso do Sistema Tecnológico.

Nenhum vegetariano, vegano ou frugívoro com este tipo de dieta sobreviveria como o animal humano realmente livre deveria ser no entorno onde deveria se desenvolver (Natureza Selvagem).

A maioria dos autodenominados “veganos”, talvez, não se considerem a si mesmos como o que realmente são: animais humanos.

E também é bem verdade que aqueles que lutam pela “Libertação Animal” não lutam por sua própria Liberdade Individual Selvagem e não questionam nada sobre sua própria condição de animais humanos domesticados.

Se as sementes, frutas e verduras que nos oferece a moderna Sociedade Tecno-industrial não são veganas, muito menos seus demais produtos nocivos de origem industrial são: vestimenta, calçado, produtos de higiene e beleza, livros, música, bikes...

Uma análise similar poderia ser aplicada aos produtos enganosamente chamados de “verdes” ou “ecológicos”.

Nenhum produto proveniente da moderna Sociedade Tecno-industrial é vegano, e muito menos ecológico.

Os autodenominados “veganos” poderão seguir enganando a outros e enganando a si mesmos, poderão seguir dependendo do sistema de domesticação e exploração sistemática.

Poderão seguir denunciando as condições de escravidão dos animais não-humanos; e tudo isso sem ver nem denunciar sua própria condição de animais humanos domesticados a serviço do Progresso Tecnológico.

Eles conseguem ver as jaulas dos demais animais, mas são cegos demais para ver a moderna jaula civilizada em que vivemos.

Poderão seguir lutando inutilmente pela “Libertação Animal” sem antes lutar primeiro por sua própria Liberdade Individual Selvagem. É muito engraçado como um animal domesticado pretende libertar a outros animais.

Poderão seguir defendendo e promovendo as ideias e valores do Sistema Tecnológico (esquerdismo), buscando apenas melhorá-lo com suas inúteis reformas, e não destruí-lo definitivamente.

Poderão seguir consumindo compulsivamente seus produtos ou alimentos nocivos industriais supostamente veganos.

Tudo isso apenas enganará e tranquilizará de alguma maneira sua consciência, mas na verdade não fará nada para tentar atacar a domesticação e exploração sistemática do reino animal nem muito menos fará algo contra a domesticação, devastação e artificialização sistemática da Natureza Selvagem.

Frente a irracional fraude que resulta a teoria e a prática vegana, decidimos:

Renunciar ao consumo desnecessário, reutilizar os materiais já produzidos e deixar de depender do Sistema Tecnológico, desenvolvendo nossa própria forma de vida autossuficiente, longe dos valores da jaula civilizada e o mais próximo de nossa Liberdade Individual e da Natureza Selvagem.

Pela verdadeira Libertação Animal!

Fogo nas jaulas, fogo na civilização!

Revolución Feral

Primavera de 2013

Notas:

(1) Estas ideias e valores a que nos referimos, são: animalismo, sentimentalismo, anti-especismo, biocentrismo, hedonismo, a religião, o esquerdismo, a suposta naturalidade do vegetarianismo nos animais humanos, ecologia social, misantropia, etc..

(2) Quando falamos do veganismo neste texto estamos nos referindo a todas suas “diferentes” vertentes, desde o “veganismo burguês” até o chamado “anarcoveganismo”. E desde o movimento pela “Libertação Animal” reformista até o movimento pela “Libertação Animal” abolicionista ou radical (ALF, Animal Liberation Front – FLA, Frente de Libertação Animal).

Os ativistas da ALF-FLA poderão argumentar que eles não são reformistas porque são de ação, mas a verdade é que eles são idênticos aos que compõem o movimento pela “Libertação Animal” reformista que tanto criticam. São reformistas por defender e promover os mesmos valores do Sistema Tecnológico (esquerdismo), eles não buscam destruir o Sistema Tecnológico, apenas procuram melhorá-lo, e o pior é que não são conscientes disso.

(3) Por Libertação Animal nós entendemos: animais humanos e não-humanos que desenvolvem sua vida em Liberdade, em seu habitat Natural e Selvagem.

Eu e Depois Eu

Afastei-me do rebanho, escapei de falsas amizades, de relações hipócritas de companheirismo. Cansei-me das reuniões de convivência do modo correto e normal que impõe a civilização, convivências baseadas no consumo de álcool, drogas, conversas decadentes e repetitivas, apenas para quê? Simples... Para continuar com uma relação vazia. Como individualista com tendências eco-extremistas declaro-me inimigo de qualquer droga (legal ou ilegal) que domestique meus instintos selvagens e violentos. Devo estar atento e preparado para qualquer coisa, a vida é caótica e uma vida imersa no ataque a esta civilização tecno-industrial é ainda mais caótica.

Lanço-me a uma guerra contra o meu eu, o eu de alguns anos atrás, aquele que ainda acreditava na farsa da esperança revolucionária, que depositava seu esforço físico e psicológico no despertar do povo, cansei-me de esperar a revolução, abandonei esta ideia que agora me causa náuseas. As palavras revolucionárias apenas servem para encher a boca de esquerdistas ou de algum outro anarquista faminto de atenção. Quando falo de revolução não apenas me refiro a proposta por comunistas ou anarquistas que buscam a expropriação das fábricas, das coletividades, o assembleísmo etc., também refiro-me a ideia ilusória do primitivismo. Neste ponto da história isso é apenas um sonho, algo tão utópico. Estamos em uma civilização dependente das tecnologias até mesmo para a mínima ação onde os instintos selvagens desapareceram quase por completo. Para esta civilização alheia a natureza é impossível obter esta regressão às mais primitivas formas de vida. Quando as novas tendências são o altruísmo, o apoio mútuo, o humanismo, eu cada vez me afasto do humano. Seu altruísmo hipócrita que apenas se baseia em buscar a aceitação da sociedade na qual vive “o altruísta” ou na forma mais repugnante; o altruísmo por troca de “likes”, são o pão de cada dia neste terreno. O domínio total triunfou, adolescentes destruindo seus corpos a cada dia com dezenas de vícios, com aspirações tão decadentes como ter o melhor celular, o melhor carro, o par com o melhor físico. Este é o grande progresso humano?

Amargurado? Pessimista? Sim! Impossível ser feliz neste mundo cinzento que asfixia, que mata desenfreadamente a Natureza Selvagem. “Que siga o extermínio do natural!”, gritam ferozmente os hiper-civilizados agitando a bandeira do progresso com cada uma de suas nefastas ações.

Eu e depois eu!, grito tentando acabar com minha domesticação rompendo laços de relacionamentos inúteis, lançando-me a uma guerra contra a civilização e seus escravos, contra seu coletivismo, seu altruísmo e humanismo. Morte às relações baseadas na hipocrisia, vida longa para as afinidades sinceras. Meus afins que acompanham-me nesta guerra já perdida sabem; para mim sempre será eu antes deles, e vice-versa: seus eus antes do meu eu. Assim continuaremos porque somos indivíduos amorais e egoístas.

Opinião breve de Individualidades Antissociais Pela Queda da Civilização:

Nos enteramos que na madrugada de quarta-feira, 10 de agosto, algum grupo ou indivíduo colocou um artefato incendiário na sede do Partido Revolucionário Institucional (PRI) localizado em Torreón, Coahuila. Para ser honesto, ficamos surpresos com o dito ato, já que esta cidade é um ninho de hiper-civilizados e fábrica de dominação e artificialidade, onde não são comuns os atentados desta índole.

Também na mesma quarta-feira um guarda de um carro-forte foi assassinado a tiros após uma assalto. Esse ato foi realizado pela delinquência comum e de igual maneira incentivamos esses tipos de atos terroristas que implantam o pânico e a tensão na sociedade. Um ser que se preocupa mais com o dinheiro (em muitos casos, alheio) que sua própria vida, apenas merece morrer.

Pela defesa extrema da Natureza Selvagem!

Adiante pessimistas e nihilistas terroristas, eco-extremistas e anarquistas anti-civilização!

Pelo ataque indiscriminado e seletivo!

Manter viva a crítica e a ação contra a civilização tecno-industrial!

Com a Natureza do nosso lado!

**-Algum individualista –
-Individualidades Antissociais Pela Queda da Civilização-**

Torreón, verão de 2016

Lições deixadas pelos antigos: a batalha do “Pequeno Grande Chifre”

A batalha do Pequeno Grande Chifre, ou também “Little Big Horn”, foi um dos episódios mais dolorosos que o exército estadunidense já sofreu, um acontecimento histórico enquadrado dentro das chamadas “Guerras Indígenas”. Na batalha os nativos americanos liderados pelo chefe Siux Tasunka Wikto, conhecido também por Cavalo Louco, o chefe espiritual Lakota Touro Sentado, o chefe Duas Luas dos Cheyennes, entre outros, alcançaram uma derrota esmagadora contra os invasores brancos. O que será aqui contado é apenas um rápido resgate de uma das tantas histórias de resistência mortal contra a civilização e o progresso e que nos deixa uma grande lição.

Pequeno Grande Chifre é como era chamado um rio dentro dos territórios do estado de Montana, no Estados Unidos. A zona vizinha de Black Hills havia sido ocupada majoritariamente por colonos brancos após estes encontrarem nas proximidades várias minas repletas de ouro. No ano de 1876 o governo estadunidense tentou comprar as terras para explorá-las, o que irritou a muitos dos nativos que ainda viviam na região. O decreto do governo se espalhou por estes territórios dando apenas duas opções aos ancestrais donos destas terras, ou vendiam suas terras para serem transferidos para uma reserva ou seriam infratores da lei. Muitos escolheram a segunda opção e foi assim que a resistência começou a consolidar-se.

O governo deu aos aborígenes um prazo para que abandonassem suas terras milenárias e tendo excedida a data e desobedecendo o mandado, unidades militares começaram a expulsar à força vários acampamentos. O povo de Duas Luas e de Cavalo Louco foram agredidos e tiveram que abandonar suas posições. Foi então quando consultaram a quem na época era considerado o grande chefe espiritual e com maior influência em toda a comunidade nativa, Touro Sentado.

Este chefe Lakota realizou um chamado pela unidade de outros clãs para se defenderem da ameaça europeia e então algo como um “Tlatol” (1) foi celebrado a mando do chefe espiritual. Segundo as crônicas cerca de quinze mil nativos assistiram a reunião.

É dito que Touro Sentado ao ver tantas pessoas reunidas proclamou uma oração onde pedia a Wakan Tanka (segundo a cosmovisão dos Siux, o Grande Espírito) que a caça fosse boa para o seu povo, e assim os homens foram fortes e imbatíveis. Para que isso viesse a acontecer Touro Sentado fez a Dança do Sol no qual dançou dois dias e duas noites sem comida nem água, orando e observando os movimentos solares. Ao final da dança o líder espiritual teve uma revelação, via uma grande quantidade de soldados brancos e nativos caírem do céu. Segundo ele os soldados caídos eram uma oferenda a Wakan Tanka pela qual os guerreiros nativos deveriam assassiná-los, mas sem tomar suas armas, cavalos ou qualquer um de seus pertences. Se esta regra fosse ignorada as coisas dariam errado para os nativos.

Com uma coragem incandescente chefes tribais como Cavalo Louco reuniram seus homens e partiram em busca da oferenda a Wakan Tanka e para ao mesmo tempo defenderem suas terras das quais não se retirariam sem uma luta. Em 16 de Junho um grupúsculo de guardas nativos avistou das montanhas uma coluna de 1.300 homens brancos e índios aliados próximos a seu acampamento na zona de Rosebud. Quem liderava os soldados era o tenente George Crook.

A defesa começa e os homens armam-se para lutar. Se os invasores se aproximassem mais haveria a possibilidade de que houvesse baixas de crianças e mulheres entre o combate.

Pela madrugada do dia seguinte o chefe Cavalo Louco com mil de seus homens inesperadamente arma uma tocaia contra seus inimigos. Foi assim como as tropas ocidentais entraram em desespero e em uma rápida estratégia de guerra a horda de selvagens se dividiu em pequenos grupos para ir à caça daqueles que haviam se separado da coluna, tornando mais fácil o assassinato dos soldados norte-americanos. Após terem freado os invasores os nômades acamparam nas margens do rio Pequeno Grande Chifre.

Em 25 de Junho deste ano o tenente-coronel George Armstrong Custer (herói estadunidense por sua participação na guerra civil, considerado como o general mais jovem do exército daquele país em toda sua história, mimado pela imprensa e apelidado de “General Criança”), juntamente com sua coluna de 600

soldados dividida em três grupos, tentaram emboscar os guerreiros que haviam desmoralizado o coronel Crook e seus homens alguns dias antes.

Um dos três grupos disparou diretamente na parte frontal do acampamento, os guerreiros ao grito de Hoka Hey (que em Lakota significa “hoje é um bom dia para morrer”) responderam a agressão com seus arcos e flechas, com seus machados e suas escopetas e fizeram correr os soldados que caíram mortos sobre o rio.

O segundo grupo comandado por Custer decide atacar o acampamento nômade a partir de outro flanco. Durante a batalha o chefe espiritual Touro Sentado cuida das mulheres e das crianças enquanto as estratégias dos selvagens levam os soldados à loucura quando estes se veem indefesos após a fuga de seus cavalos, os quais fugiram assustados pelos nativos. Em questão de minutos os inimigos foram reduzidos e sitiados, e lá do alto das colinas os homens de Cavallo Louco gritavam palavras de guerra enquanto os estadunidenses aterrorizados assassinavam seus próprios cavalos ao usá-los como escudo. Segundo conta as crônicas a batalha foi feroz e caótica, era possível ver os guerreiros assassinando os soldados em luta corporal ou desde seus cavalos com flechas e machados ou disparando à queima-roupa contra eles em uma atmosfera de fumaça de pólvora. Se escutava gritos, uivos e o disparar das armas. Ao terminar a batalha o grande coronel Custer jazia morto com tiros na cabeça e no peito. Seus homens foram destroçados. Os selvagens nativos desnudaram os corpos, cortaram seus cabelos e os castraram, além de também levar seus pertences, coisa que o chefe espiritual Touro Sentado havia dito que não fizessem. Desobedecer esta indicação seria visto depois pelos nativos como um prelúdio maligno já que após esta batalha eles ganhariam o ódio de um grande setor da sociedade ocidental e seriam massacrados e caçados como animais pelo exército estadunidense.

O terceiro e último grupo estava longe reunido com os poucos sobreviventes do primeiro. Este pediu apoio e mais soldados foram chegando. Cavallo Louco não podia arriscar perder mais homens devido ao que o acampamento ordenara em se levantar e partir com a vitória em mãos. A última grande estratégia que traçaram os antigos guerreiros foi que se dividiriam em pequenos grupos, pois assim todo o grande grupo não seria avistado. Muitos grupos pequenos era mais difícil de se encontrar do que apenas um. Foi assim como todos partiram em direções distintas.

Há várias lições aqui para se aprender com esta luta contra a civilização:

A primeira: a estratégia é muito importante quando se trata de sair vitorioso em uma luta ou uma batalha. Neste caso a luta individualista contra o sistema tecnológico deve ser tratada com tática e inteligência. Sabemos muito bem que ao dizer isso não se pretende ter em conta ganhar ou vencer totalmente este sistema, pois isso não está em nossas mãos, mas, na medida das nossas possibilidades, desferir golpes contra a mega-máquina que sejam transformados em vitórias individuais e que regressemos sem lesões ou sem detenções, esta deve ser a finalidade durante os ataques tanto de sabotagem como terroristas.

A segunda: vendo o exemplo de luta exposto acima dos antigos unidos contra um único objetivo e defendendo seu modo de vida com a natureza, a ferocidade desempenhou um papel muito importante e, embora durante a batalha houve feridos e até mortos, o ponto central recai na ideia de que a luta contra a civilização e o progresso deve ser a morte, feroz e exuberante, ou seja, extremista. As meias medidas não se incluem nesta guerra, aqueles ainda não robotizados totalmente que estão dispostos a matar e morrer defendendo sua natureza humana e defender a Natureza Selvagem que permanece indômita, devem ter isso em mente. Cavallo Louco foi assassinado um ano após liderar os nômades selvagens contra o exército estadunidense, morreu baixo uma saraivada de tiros de indígenas aliados do inimigo, seu corpo foi perfurado pelo chumbo da civilização, mas seu orgulhoso exemplo guerreiro permaneceu como um legado vivo para as gerações vindouras que assim como ele, se defendem e resistem ante o avanço do alheio.

A terceira: atacar o inimigo quando ele menos espera é outra das lições. Para ser efetivo e sair ileso de um ataque não é muito prático atacar durante uma data em que as autoridades possam estar informadas da ameaça. Por exemplo, a cada 8 de agosto o Tec de Monterrey se mantém em estado de alerta por se recordar de que neste dia no ano de 2011 o grupo eco-extremista “Individualidades Tendendo ao Selvagem” enviou um pacote-bomba na já conhecida história dos tenólogos feridos. Neste dia em especial, levar a cabo algum atentado contra a mesma instituição acadêmica seria um perigo para aqueles que o executassem já que é

montado um dispositivo especial de segurança, só que muito discreto. Embora eu, pessoalmente, gostasse de ver outro atentado nas mesmas condições (ou até mais) na mesma instituição e nesse mesmo dia, e que funcionasse e burlasse todo o dispositivo de segurança, isso não seria muito pertinente.

A quarta: alguns tolos perguntaram anteriormente e sem conhecer nossas posturas: usarão as armas do sistema para enfrentá-lo?

Os nativos americanos que citamos acima lutaram com tudo o que tinham em mãos, arcos e flechas, machados e bastões, cavalos e rifles. Ditas armas foram úteis na hora de investir contra os brancos e os indígenas aliados. O que teria acontecido se estes mesmos indígenas houvessem rejeitado as armas dos brancos e tivessem atacado apenas com seus antigos utensílios de caça e de luta? Talvez nem haviam saído vitoriosos na batalha do Pequeno Grande Chifre ou outras mais.

As baixas do exército foram muito mais que as dos nativos. Um dos fatores que contribuí para isso foi que os guerreiros levavam rifles de repetição (ou seja, poderiam disparar uma sequência de balas sem recarregar) os quais haviam roubado previamente do inimigo e com eles ganhavam tempo ao disparar em vários brancos em questão de segundos enquanto que os estadunidenses e aliados portavam rifles mono-tiro (poderiam atirar apenas uma vez e após isso era necessário recarregar). Esta lentidão em suas armas fez com que os nativos disparassem enquanto corriam com seus cavalos em direção aos soldados, rodeando-os enquanto estes tentavam recarregar suas armas.

Aqui é respondida a pergunta que foi abordada na quarta questão. Não podemos nos limitar às antigas ferramentas de guerra apenas porque criticamos este sistema tecnológico, devemos utilizar as armas do mesmo sistema para combatê-lo. Assim como os nativos americanos participantes da matança do Pequeno Grande Chifre não pensaram duas vezes em utilizar estes rifles de repetição nós também não teremos qualquer problema em utilizar alguma arma moderna que possa causar baixas ao inimigo.

É assim como termina este texto. Cada qual que saque suas próprias conclusões.

(1) “Tlatol” é como era chamada uma reunião selvagem na Mesoamérica Setentrional lá por meados do ano de 1540. Vários grupos caçadores-coletores nômades desta região se reuniam pela noite com toda a sua tribo e faziam rituais de guerra se preparando para o combate contra os invasores brancos e seus subordinados.

Regresión

Cuadernos contra el progreso tecnolindustrial